

NEGAÇÃO E CONCESSÃO COM ‘LÁ’: UM ESTUDO DA PERIFERIA INTERNA NO PB¹

Bruna Karla PEREIRA

Universidade Federal de Minas Gerais
Universidade Federal de Lavras
brunaufmg@yahoo.com.br

Resumo: Neste artigo, analisaremos construções com ‘lá’ que expressam negação e concessão em exemplos como “sei lá” e “vai lá”, respectivamente. Segundo Belletti (2003), a área interna do IP, localizada imediatamente acima do v/VP, revela uma semelhança significativa com a periferia esquerda alta (RIZZI, 1997), disponibilizando uma posição de foco que intercepta posições de tópico. Por sua vez, segundo Cinque (1999), AdvPs são especificadores de projeções funcionais. Com base nisso, elaboramos uma hipótese segundo a qual ‘lá’ pós-verbal mapearia a periferia do VP, sendo inserido por *merge* em Spec,FocusP, nas construções que expressam negação, e em Spec,TopP, nas construções que expressam concessão. Para fundamentarmos essa hipótese, estabeleceremos um paralelo entre ‘lá’ e ‘não’ pós-verbais no PB e entre as expressões “va lá” no PB e “va bene” no italiano.

Palavras-chave: advérbio ‘lá’; negação; foco interno; concessão; tópico interno.

1 Introdução

Neste artigo, analisaremos, de um ponto de vista formal, sentenças com ‘lá’ que expressam negação (1) e concessão (2).

- (1) “Eu *sei lá* como, mas ele apareceu na casa da minha mãe” (novela *Morde e Assopra*/junho/2011).
- (2) “Que ela seja paqueta ainda *vai lá*. Agora, sair com o Romário ...” (MARTELOTTA; RÉGO, 1996, p. 246).

Tem-se observado que a área externa do IP, isto é, o sistema C é constituído por um espaço rico em camadas funcionais diferenciadas (RIZZI, 1997). Além da periferia externa, observa-se que a área interna do IP, localizada imediatamente acima do v/VP, também disponibiliza um espaço rico em categorias funcionais.

Belletti (2003) se propõe a analisar a “refinada cartografia estrutural da área interna e baixa da oração (IP)”² e a mostrar que esta área revela uma semelhança significativa com a periferia esquerda alta (CP), disponibilizando uma posição de foco que se interpõe entre duas ou mais posições de tópico. Nesse sentido, vP/VP teria uma periferia parecida com o CP.

¹ Este artigo é uma versão parcial do que foi desenvolvido no capítulo 3 da tese defendida por Pereira (2011).

² “fine-grained structural cartography of the clause’s (IP) internal low area” (BELLETTI, 2003, p. 17).

Com base nisso, a autora explica que, em construções com inversão do sujeito, o sujeito pós-verbal seria interno ao IP, dentre outras razões, porque a posição do sujeito pós-verbal não é um domínio de extração, por exemplo, a extração *wh* não é viável, conforme exemplos abaixo:

- (3) a. “Ha telefonato il direttore del giornale al presidente”.
has phoned the director of the newspaper to the president (BELLETTI, 2003, p. 20).
 ‘Telefonou o diretor do jornal ao presidente’.
- b. “?? Il giornale di cui ha telefonato il direttore al presidente”.
the newspaper of which phoned the director to the president (BELLETTI, 2003, p. 20).
 ?? ‘O jornal do qual telefonou o diretor ao presidente’.

Isto significa que a posição do sujeito pós-verbal não parece ser argumental, característica que, segundo Belletti (2003, p. 21), identifica esta posição com Spec,FocusP. Outra característica seria a veiculação de informação nova na posição do sujeito pós-verbal (4b).

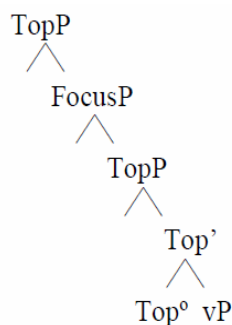
Além disso, os pares de pergunta (4a) e resposta (4b) abaixo mostram que o sujeito pós-verbal pode também receber interpretação tópica, como em (5b).

- (4) a. “Chi è partito/ha parlato?” (BELLETTI, 2003, p. 21).
who has left/has spoken
 ‘Quem partiu/falou?’
- b. “E’ partito/ha parlato Gianni” (BELLETTI, 2003, p. 21).
has left/has spoken Gianni.
 ‘Partiu/Falou Gianni’.
- (5) a. “Che cosa ha poi fatto Gianni?” (BELLETTI, 2003, p. 22).
What has Gianni finally done?
 ‘Que coisa fez finalmente Gianni?’
- b. “Ha parlato, Gianni” (BELLETTI, 2003, p. 22).
He has spoken, Gianni
 ‘Falou, Gianni’.

Segundo Belletti (2003, p. 22, tradução nossa), a possibilidade de troca de interpretação em (5b) de foco a tópico “pode fornecer indicação direta de uma configuração refinada da área interna e baixa do IP em discussão”³, representada da seguinte maneira:

Figura 1: A periferia do VP

³ “can provide a direct indication of the fine configuration of the low IP internal area under discussion” (BELLETTI, 2003, p. 22).



(BELLETTI, 2003, p. 25).

Como ‘lá’ é estritamente pós-verbal nas estruturas em (1) e (2) mencionadas acima, assumiremos que este advérbio ocupa projeções funcionais da periferia interna ao IP. Sendo assim, este artigo trata, na seção 2, das construções com ‘lá’ que expressam negação e, na seção 3, das construções com ‘lá’ que expressam concessão. Partimos da hipótese segundo a qual, no primeiro caso, ‘lá’ seria Spec,FocusP e, no segundo caso, Spec,TopP.

2 ‘Lá’ em Spec,FocusP interno

Esta seção trata de estruturas nas quais ‘lá’ parece ser efetivamente um marcador de negação, como em (1).

(1) “Eu *sei lá* como, mas ele apareceu na casa da minha mãe” (novela *Morde e Assopra*/junho/2011).

Para explicarmos dados como esse, faremos inicialmente um paralelo entre ‘lá’ marcador de negação e ‘lá’ marcador de questão retórica, mostrando em quê esses dois ‘lãs’ se diferem (2.1). Posteriormente, exploraremos a negação pós-verbal no PB (2.2) e os pontos de contraste e de interseção entre negação pós-verbal com ‘não’ e negação pós-verbal com ‘lá’ (2.3). Em seguida, argumentaremos a favor da análise de ‘lá’ como um marcador de negação localizado na periferia interna do IP (2.4), sendo a contraparte de ‘não’ final localizado na periferia externa do IP. Por último, detalharemos as restrições (2.5) a que ocorrências de ‘lá’ marcador de negação estão submetidas. Para isso, faremos uma discussão da proposta de análise desenvolvida por Martins (2010) para dados com ‘lá’ no PE (2.6 e 2.7).

2.1 ‘Lá’ marcador de questões retóricas *versus* ‘lá’ marcador de negação

Primeiramente, vamos nos lembrar de um exemplo de ‘lá’ em questões retóricas (7), para que possamos distinguir dados em que ‘lá’ é realmente um marcador de negação (6) e dados em que ‘lá’ é, ao contrário, um marcador de questões retóricas.

- (6) A: Ela fala inglês?
B: Sei **lá**.
- (7) O João (**lá**) comprou (**lá**) um carro?

A sentença (6B) difere das questões retóricas em vários aspectos. Primeiro, (6B) não é pronunciada com entonação interrogativa; segundo, ‘lá’ não pode ser pré-verbal; terceiro, ‘lá’ não é omissível, porque sua elisão impediria a interpretação negativa da sentença; e quarto, ‘lá’ não é compatível com expressões idiomáticas de polaridade negativa (6a - b). Diferentemente, o ‘lá’ de questões retóricas é compatível com tais expressões, como se observa em (7a - d).

- (6) a. *Sei lá nada de nada.
b. *Sei lá uma ova.
- (7) a. A Maria lá tem um tostão furado?
b. A Maria lá moveu uma palha para nos ajudar?
c. A Maria lá deu um passo quando estava de castigo?
d. A Maria lá deu um pio sobre o assunto?

Então, parece que, em (6) e em (1), diferentemente das questões retóricas (7), ‘lá’ é efetivamente um marcador de negação. Para averiguarmos a atuação de ‘lá’ como elemento de negação, faz-se necessário estabelecer uma comparação entre ‘lá’ e a negação pós-verbal no PB.

2.2 Negação pós-verbal

Cyrino e Biberauer (2009) analisam a negação pós-verbal no PB e propõem que ‘não’ final (9, 10) seria a mesma realização fonológica de duas categorias distintas que, conseqüentemente, ocupariam diferentes posições na estrutura sentencial. Vejamos:

[*Não₁ V*]

- (8) a. Eu não/num comprei a casa.

[*Não₁ V Não₂*]

- (9) a. Eu não/num comprei a casa não.

[*V Não₃*]

- (10) a. Comprei a casa não.

(8a) exemplifica a negação “real” no PB. Em geral, a análise dada a esta partícula segue as premissas apresentadas em Pollock (1989), considerando-se a projeção de um NegP abaixo de TP. Nesse sentido, a posição pré-verbal de ‘não’₁ seria justificada por seu caráter clítico, tendo em vista sua redução fonológica a ‘num’ (VITRAL, 1999). Como clítico, ‘não’ seria movido para a posição adjunta a T°.

(9) e (10), por outro lado, reclamam uma análise diferenciada, visto que ‘não’ ocupa a posição final. Além disso, do ponto de vista semântico, enquanto ‘não’₁ desencadeia uma negação proposicional, isto é, com escopo sobre o valor de verdade da sentença, ‘não’₂ e ‘não’₃ são descritos como marcadores de negação pressuposicional⁴ (CYRINO; BIBERAUER, p. 2-3). Por isso, não são considerados marcadores de negação “real”.

⁴ De acordo com Horn (1985), a negação pressuposicional ocorre quando se cancela uma pressuposição. Por exemplo, em (i) abaixo, a pressuposição segundo a qual foi difícil para John resolver o problema, que é derivada do verbo *to manage*, é cancelada. Desta forma, a negação tem escopo sobre *manage*, indicando que o problema foi resolvido, mas facilmente.

Apesar de ambos serem considerados marcadores de negação pressuposicional, as autoras salientam as diferenças evidenciadas quando ‘não’ aparece sozinho (‘não’₃) e quando ‘não’ coocorre com o elemento de negação pré-verbal (‘não’₂). Reproduziremos adiante pelo menos quatro diferenças dentre aquelas mencionadas: omissibilidade, aparecimento em questões ‘sim/não’, aparecimento em encaixadas e compatibilidade com expressões idiomáticas de polaridade negativa.

Enquanto ‘não’₂ é omissível, ‘não’₃ não é:

- (9) c. Não/num comprei a casa (não₂).
 (10) c. Comprei a casa *(não₃).

Enquanto ‘não’₂ aparece em encaixadas, ‘não’₃ não aparece:

- (9) d. Ele disse que ele num/não₁ comprou a casa não₂ (CYRINO; BIBERAUER, p. 5).
 (10) d. *Ele disse que ele comprou a casa não₃ (CYRINO; BIBERAUER, p. 5).

Enquanto ‘não’₂ aparece em interrogativas ‘sim/não’, ‘não’₃ não aparece:

- (9) e. Você não/num comprou a casa não₂? (CYRINO; BIBERAUER, p. 5).
 (10) e. *Você comprou a casa não₃? (CYRINO; BIBERAUER, p. 5).

Enquanto ‘não’₂ é compatível com expressões idiomáticas de polaridade negativa, ‘não’₃ não é:

- (9) f. A: _ O João é rico.
 B: _ O que? Ele não tem um tostão furado não₂ (CYRINO; BIBERAUER, p. 5).
 (10) f. B: _ *O que? Ele tem um tostão furado não₃ (CYRINO; BIBERAUER, p. 5).

Diante destas diferenças, Cyrino e Biberauer (2009) discordam de Cavalcante (2007) para quem ‘não’₂ e ‘não’₃ ocupariam a mesma posição na sentença, que o autor rotula como *Den(ial) P(hraxe)*.

Em um breve excursão sobre a proposta de Cavalcante (2007), DenP é “uma categoria específica responsável por codificar informações discursivas referentes à confirmação ou refutação de uma pressuposição anterior” (CAVALCANTE, 2007, p. 128). Assim sendo, “DenP é a categoria que aloja as profrases afirmativas e negativas (como SIM, É e NÃO) utilizadas em

(i) “John didn’t MANAGE to solve the problem. It was quite easy for him to solve” (HORN, 1985, p. 130).

Nos exemplos (9a, 10a), não há nenhuma espécie de cancelamento de pressuposição explícita.

(9) a. Eu não/num comprei a casa não.
 (10) a. Comprei a casa não.

Portanto, para que se compreenda a proposta de Cyrino e Biberauer (2009), é preciso considerar um conceito mais amplo de negação pressuposicional. De acordo com Biberauer (c.p.), as autoras partem do conceito de negação pressuposicional como aquele presente, dentre outros, em Pescarini (s.d., p. 21, tradução nossa) segundo o qual a negação pressuposicional “pressupõe que alguém, no contexto comunicativo, espera que o estado de coisas negado seja verdadeiro” [“it presupposes that someone in the communicative context expects the negated event/state of affairs to be true”]. Assim, a negação pressuposicional nega um pressuposto discursivo que pode não estar necessariamente explícito na sentença. Em (9/10a), por exemplo, a sentença evoca uma expectativa de alguém que acredita que a casa tenha sido comprada. Com efeito, (9/10a) pode replicar um comentário do tipo: “Você comprou a casa, né?”.

contextos de resposta a uma pergunta direta ou de assentimento ou denegação de uma declaração realizada anteriormente” (CAVALCANTE, 2007, p. 128), conforme os seguintes exemplos:

- (11) a. **Não**, eu num fiz.
b. **No**, I don't.
(CAVALCANTE, 2007, p. 122)
- (12) a. **Sim/É**, eu fiz.
b. **Yes**, I did.
(CAVALCANTE, 2007, p. 123)

Segundo o autor, as profrases são elementos extra-sentenciais, pois não interferem na polaridade da sentença que introduz, mas remete a um enunciado produzido anteriormente. Logo, uma oração pode ser afirmativa, mesmo sendo introduzida por ‘não’, como no exemplo (13):

- (13) A: _ Vi, não tem confiança no padre?
B: _ **Não**, no padre eu tenho (CAVALCANTE, 2007, p. 121).

O autor conclui então que o ‘não’ profrase é um elemento situado fora do domínio do CP, na categoria DenP. Cavalcante (2007, p. 124) assume ainda que “o marcador pós-verbal e a profrase negativa são o mesmo elemento e que ocorrem sob a mesma categoria sintática”. A ordem [V Não] seria resultante do movimento de todo o CP para uma outra posição extra-sentencial (TopP) mais alta que DenP. Assim sendo, tanto ‘não’₃ quanto ‘não’₂ seriam analisados de forma indistinta visto que a estrutura [Não V Não₂] suporia igualmente o movimento de todo o CP que inclui [Não V] para a posição Spec,TopP extra-sentencial.

No entanto, para Cyrino e Biberauer (2009), esta proposta não dá conta das disparidades evidenciadas na realização de ‘não’₂ e ‘não’₃, que seriam, na respectiva ordem, plena e frouxamente integrados à espinha oracional (CYRINO; BIBERAUER, 2009, p. 7). Esta hipótese resultaria na análise de ‘não’₃ no domínio do CP e de ‘não’₂ no domínio do IP, diferentemente do que propõe Cavalcante (2007).

Com efeito, Cyrino e Biberauer (2009, p. 12) prevêem que a posição de ‘não’₂, partícula de reforço da negação, seria Pol^{o5}. ‘Não’₂ seria, então, um elemento que concorda com a negação contida no TP e, portanto, desencadeia o movimento do TP para Spec,PolP (conforme ilustrado na figura 2, derivação de (9a)). Nesse sentido, ‘não’₂ está integrado a uma estrutura que “necessariamente envolve polaridade enfática (natural em negação enfática e em contextos pressuposicionais)”⁶ (CYRINO; BIBERAUER, 2009, p. 11, tradução nossa).

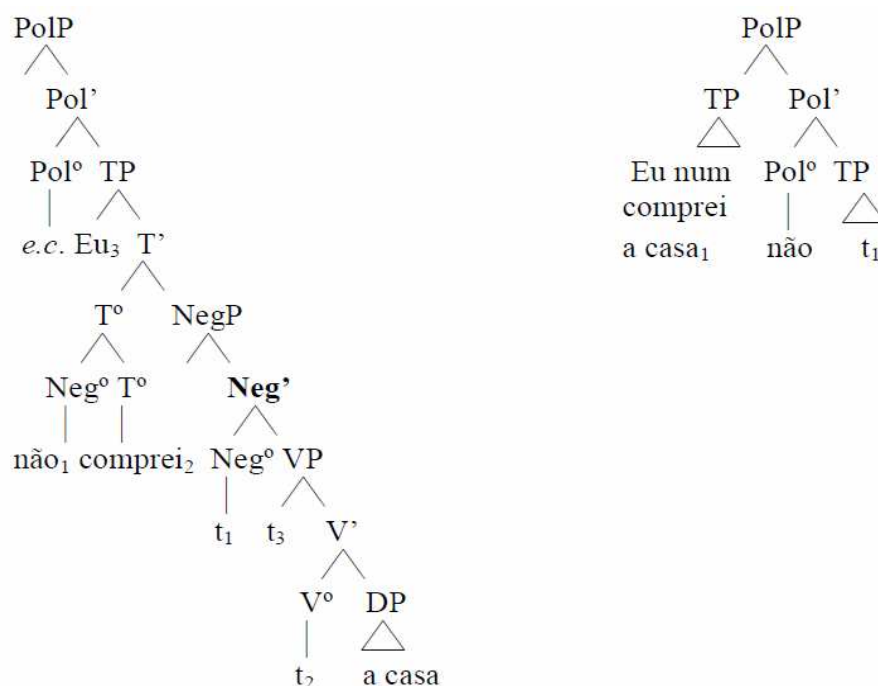
Diferentemente, em estruturas neutras como (8a), PolP seria projetado acima de TP, mas seu núcleo não seria realizado fonologicamente (CYRINO; BIBERAUER, 2009, p. 11), conforme ilustrado na derivação deste exemplo.

Figura 2: A posição de ‘não’₂

- (8) a. Eu não/num comprei a casa.
[Não₁ V]
- (9) a. Eu não/num comprei a casa não.
[Não₁ V Não₂]

⁵ A análise de ‘não’₂ como núcleo nos parece questionável pois, diferentemente de ‘não’₁, ‘não’₂ não pode ser reduzido ao clítico ‘num’ (“*Num fugi num”).

⁶ “necessarily involve polarity emphasis (natural in emphatic negation and presuppositional contexts)” (CYRINO; BIBERAUER, 2009, p. 11).



No entanto, as autoras não propõem uma hipótese de derivação para 'não'₃, explicitando apenas que 'não'₂ e 'não'₃ seriam inseridos em posições sintáticas distintas (CYRINO; BIBERAUER, 2009, p. 12).

Apesar de não proporem uma posição para a análise de 'não'₃, as autoras sugerem que, por um lado, 'não'₂ seria derivado do 'não' profrase (9gB), que é realizado como *so* no inglês em estruturas com *not ...so* (9gB'). Por outro lado, 'não'₃ seria derivado do 'não' anafórico de respostas curtas, que podem ser constituídas apenas por 'não' (10gC), realizado por *no* no inglês (10gC'), ou por verbo + 'não' (10gB).

- (9) g. A: João vai comprar a casa? (CYRINO; BIBERAUER, 2009, p. 11).
 B: Acho que [**não**] (CYRINO; BIBERAUER, 2009, p. 11).
 B': *I don't think so.*
- (10) g. A: Você tem muitas dúvidas? (CYRINO; BIBERAUER, 2009, p. 9).
 B: [Tenho **não**] (CYRINO; BIBERAUER, 2009, p. 10).
 C: Não. (CYRINO; BIBERAUER, 2009, p. 10).
 C': *No.*

Portanto, o "uso de não₃ reflete o fato de que variedades nordestinas do PB se nutriram da negação Focus (NO) como fonte para expressar essa forma particular de negação"⁷ (CYRINO; BIBERAUER, 2009, p. 14, tradução nossa).

De acordo com Poletto (2008, p. 4 - 5, tradução nossa), elementos localizados em Neg₄ (como *no* no italiano, exemplo (14)) "correspondem ao mesmo morfema que é usado para a negação pro-sentencial; [...] são localizados no final da oração; [...] são sempre especificadores, e

⁷ "Use of não₃ reflects the fact that northern varieties of BP have drawn on the Focus negation (NO) source in order to express this particular form of negation" (CYRINO; BIBERAUER, 2009, p. 14).

eles geralmente apresentam foco entonacional [...]”⁸. Esta é a razão por que estão localizados em Spec,FocusP.

- (14) “L’a mangià no” (POLETTI, 2008, p. 5).
he has eaten not (POLETTI, 2008, p. 5)
 ‘Comeu não’.

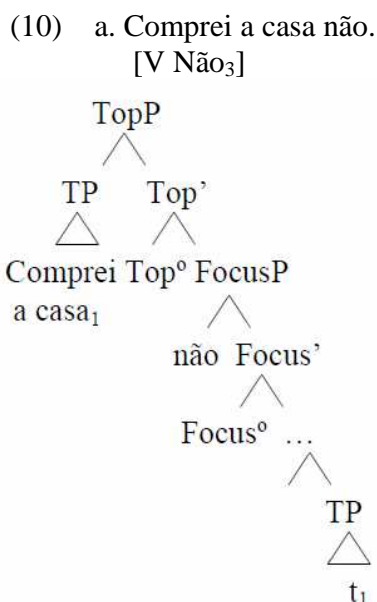
Também de acordo com Ramos (2002), estruturas como “bateu no poste não”, “sozinho não” e “antigamente não” levam a crer que “NEG pós-verbal nega em bloco algo que foi dito, independentemente de ser verbo, adjetivo ou advérbio” (RAMOS, 2002, p. 166). Em outras palavras, ‘não₃’ tem escopo sobre o constituinte/bloco prévio.

Seguindo todos estes apontamentos oferecidos acima, é possível sugerir que ‘não₃’ seja um item focal com escopo sobre a oração. Nesse sentido, poderia estar localizado em FocusP na periferia esquerda do IP. Duas razões justificariam esta análise, quais sejam, a incompatibilidade de ‘não₃’ com interrogativas *Wh* (conforme mostrado em (10b)) e com constituinte focalizado (como mostrado em (15)):

- (10) b. *O que ele fez não₃? (CYRINO; BIBERAUER, p. 3).
 (15) a. *EU que vi **não** (CAVALCANTE, 2007, p. 141).
 b. *ONTEM que eu fui **não** (CAVALCANTE, 2007, p. 141).

Se isto for verdade, a posição [V Não] seria justificada pelo movimento de TP para Spec,TopP logo acima de FocusP, como derivação de (10a) na figura (3) abaixo.

Figura 3: A posição de não₃



⁸ “correspond to the same morpheme that is used for pro-sentence negation; [...] are located at the end of the clause; [...] are always specifiers, and they generally bear focus stress [...]” (POLETTI, 2008, p. 4 - 5).

Assim sendo, é importante ressaltar que esta derivação seria mais econômica e menos custosa do que aquela proposta por Cavalcante (2007), visto que não seria preciso gerar duas categorias, DenP e TopP, ambas fora de CP, para dar conta da posição final de ‘não’₃.

Em suma, apesar das divergências entre as análises, pôde-se observar que o ‘não’ pós-verbal (seja ele ‘não’₂ ou não’₃) situa-se acima de TP, geralmente na área do CP, dado seu caráter de negação pressuposicional.

Como ‘lá’ também parece ser um elemento de negação pressuposicional, estabeleceremos um paralelo entre as propriedades de ‘não’ e ‘lá’ pós-verbais.

2.3 Um paralelo entre ‘lá’ pós-verbal e ‘não’ final

‘Lá’ (6Ba) compartilha de duas restrições aplicadas a ‘não’₃, quais sejam, ‘lá’ não é omissível (6Bb) e não é compatível com expressões idiomáticas de polaridade negativa (6Bc).

- (6) A: Você sabe se ela fala inglês?
 B: a. Sei **lá** [neg].
 b. Sei [aff].
 c. *Sei lá nada de nada.

Além disso, ‘lá’ não só é incompatível com expressões de polaridade negativa (6Bc), mas também com *NPIs* (itens de polaridade negativa) (6Bd), incompatibilidade esta que não se dá com ‘não’₃ (5h).

- (6) B: d. *Eu sei **lá** nada disso.
 (10) h. Sei nada disso **não**₃.

‘Lá’ difere de ‘não’₃ também porque, enquanto ‘lá’ é adjacente ao verbo (6e), ‘não’₃ pode ocupar a posição final (10i’), pós-complemento.

- (6) e. Sei **lá** se ela fala inglês.
 e’. *Sei se ela fala inglês **lá**.
 (10) i. Sei **não**₃ se ela já fez esse teste.
 i’. Sei se ela já fez esse teste **não**₃.

As duas primeiras propriedades referidas, isto é, a não omissibilidade e a incompatibilidade com expressões idiomáticas de polaridade negativa sugerem que a presença de ‘lá’ tem a ver com a polaridade negativa da sentença. Por sua vez, a última propriedade referida, isto é, adjacência ao verbo sugere que ‘lá’ ocuparia uma posição mais baixa que aquela ocupada por ‘não’₃ na estrutura sentencial. Que posição seria esta? A seguir, vamos nos concentrar em uma tentativa de responder a esta pergunta, descartando NegP e elegendo FocusP interno.

2.4 A posição de ‘lá’ negativo

Entendemos que NegP é a categoria onde se checam os traços da negação “real”, isto é, da negação proposicional. No PB, enquanto Neg^o seria o lugar destinado para ‘não’/‘num’,

Spec,NegP seria destinado para quantificadores como ‘ninguém’ em “Ninguém conseguirá passar no vestibular” (VITRAL, 1999). Também em francês, Neg^o seria o espaço para ‘ne’ e Spec,NegP para ‘pas’. Seria sugestivo então propor que ‘lá’ estivesse ocupando a mesma posição de ‘pas’ no francês.

Contudo, é importante observar que ‘pas’ era um reforço da negação real, que se gramaticalizou como uma categoria de NegP. Sendo assim, ‘pas’ ainda coocorre com ‘ne’, o núcleo de Neg^o. Este não seria o caso de ‘lá’, pois ‘lá’ não coocorre com ‘não’₁ (6g).

(6) g. ***Não** sei **lá** inglês.

Portanto, em sentenças nas quais ‘lá’ apresenta valor de negação, não há projeção de NegP, com exceção de expressões fixas como “não sei o que lá”⁹. Essa expressão é usada geralmente em posições nominais tais como argumento interno (16a) e externo (16b) e também como complemento de P^o (16c).

- (16) a. [Não sei o que lá] fez barulho à noite.
 b. A Maria comprou chinelo, calça, blusa e mais [não sei o que lá].
 c. O Tobias latiu com [não sei o que lá] que estava passando na rua.

Por isso, “não sei o que lá” é uma expressão nominal e não exatamente uma oração, portanto, não é um contra-argumento para a incompatibilidade entre ‘lá’ e ‘não’₁, exemplificada in (6g).

Além disso, é importante observar que, entre V e *pas*, é possível a intervenção de advérbios baixos como *dejà* (17a) e *toujour* (17b).

- (17) a. “Il ne **mangeait** *dejà* **pas** de fruits ou de légumes crus!”¹⁰.
 Ele NEG. comia já NEG. PART. frutas ou PART. legumes crus.
 ‘Ele já não comia frutas ou legumes crus’.
 b. “Mon fils a 2 ans il ne **mange** *toujours* **pas** seul”¹¹.
 Meu filho tem 2 anos ele NEG. come sempre NEG sozinho.
 ‘Meu filho tem 2 anos e não come sozinho sempre’.

Ao contrário de *pas*, ‘lá’ deve ser adjacente ao verbo, permitindo a intervenção apenas de clíticos:

- (6) h. Importa-me lá o casamento dele.
 h’. *Importa já lá o casamento dele.

Assim sendo, ‘lá’ ocuparia uma posição mais baixa que NegP e mais próxima de VP, dada a adjacência entre V e ‘lá’. Por isso, não é possível a intervenção de um advérbio de VP.

⁹ Trata-se possivelmente de retenções de uma fase na qual ‘lá’ ainda era compatível com ‘não’. Há registros no século XIX disso: “Eu não sei **lá** se é frio ou se é quente. O que sei é que...” (MARTINS, 2009, p. 19).

¹⁰ <www.nosbebesarrivent.org/viewtopic.php?t=1201&sid...>. Acesso em: 16 mar. 2010.

¹¹ <http://forum.doctissimo.fr/nutrition/alimentation-enfant/mange-seul-sujet_147271_1.htm>. Acesso em: 16 mar. 2010.

Recapitulando, se ‘lá’ não está no domínio do CP, pois é estritamente pós-verbal, nem em NegP, no domínio do IP, resta-nos a periferia do v/VP que parece ser adequada para a análise de ‘lá’ marcador de negação.

De acordo com Belletti (2003), as posições disponíveis na periferia baixa são FocusP e TopP. Essas posições são evidenciadas quando ativadas em construções com inversão do sujeito, como no exemplo (18B) abaixo:

- (18) A: _ Você parece mais interessada na pensão que na separação.
B: _ Importa-me a separação (não estou interessada no dinheiro dele).

Assim, em (18B), ‘a separação’ seria realizada em uma categoria funcional da área interna do IP. Um teste usado por Belletti (2003) para atestar a posição baixa do sujeito pós-verbal é a sua ordem em relação a advérbios baixos. Como se observa em (19c), “a separação” parece estar em uma posição mais baixa que aquela onde “mal” está localizado.

- (19) a. Mal me importa a separação, estou interessada na pensão.
b. ?Importa-me mal a separação, estou interessada na pensão.
c. *Importa-me a separação mal, estou interessada na pensão.

Suponhamos então que (20B) responda à interpelação em (20A):

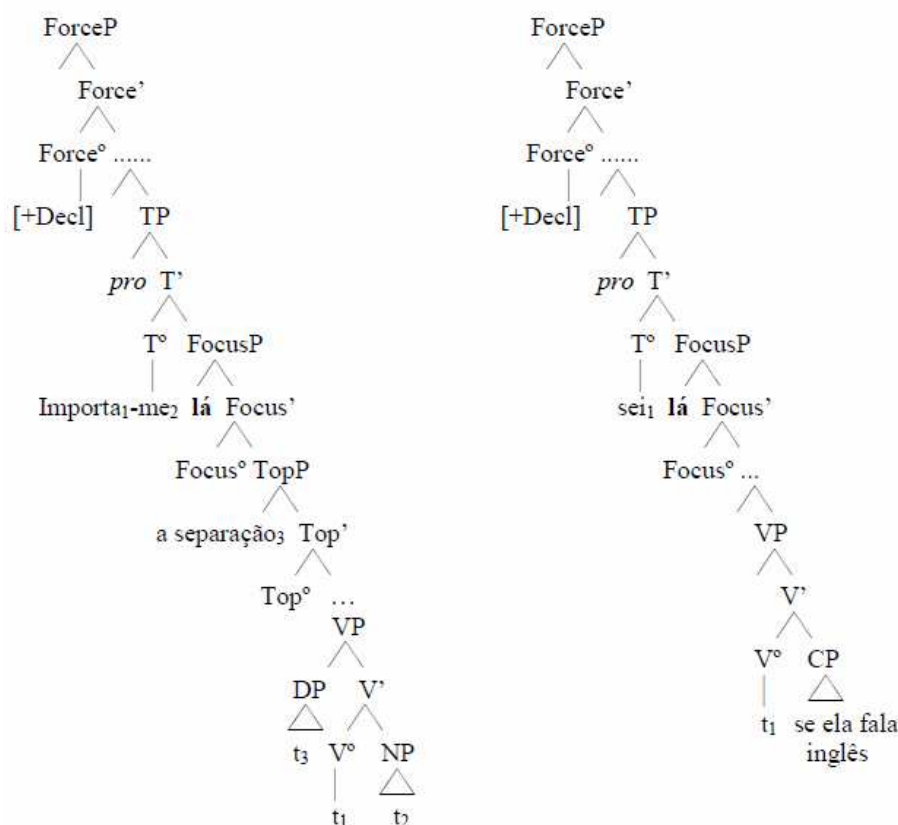
- (20) A: Você parece ressentir a separação.
B: Importa-me lá a separação, estou cuidando da minha vida.

Em (20B), ‘a separação’ é informação compartilhada, dada, e, portanto, tópica. Por isso, ‘a separação’ poderia ser analisada como Spec,TopP na periferia baixa. Ao contrário, ‘lá’, do ponto de vista fonológico, é pronunciado com ênfase entonacional e, do ponto de vista interpretativo, determina a polaridade negativa da sentença. Por isso, ‘lá’ poderia ser analisado como Spec,FocusP na periferia baixa.

Em suma, a ênfase entonacional, a expressão da negação, a independência em relação a ‘não’₁ e a incompatibilidade com expressões idiomáticas de negação levam-nos a crer que ‘lá’ seria a contraparte de ‘não’₃ na periferia interna, ocupando a posição Spec,FocusP, como nas seguintes derivações da figura 4.

Figura 4: ‘Lá’ em Spec,FocusP interno

- (20) B: Importa-me lá a separação. (6) B: Sei **lá** (se ela fala inglês).



2.5 As restrições nas ocorrências de 'lá' negativo

Vale ressaltar, finalmente, que as ocorrências de 'lá' como marcador de negação apresentam restrições lexicais e também pessoais. Nesse sentido, aparentemente, apenas alguns verbos psicológicos como 'saber' e 'importar', se não os únicos, permitiriam este tipo de construção. Além disso, a ocorrência de 'lá' negativo, com o verbo 'saber', parece se restringir à primeira pessoa e, em alguns casos, à 3ª pessoa + 'se'.

Vejam, por exemplo, uma comparação entre (21a) e (21b).

- (21) a. Sei lá de onde ele veio.
b. *A Maria sabe lá de onde ele veio.

(21b) é agramatical simplesmente devido a uma alteração na categoria de pessoa. Contudo, quando se trata de 3ª pessoa, com indeterminação do sujeito, a sentença se torna gramatical (21c). Da mesma forma, com entonação interrogativa, a sentença também se torna gramatical (21d), embora 'lá', neste caso, não seja mais um marcador de negação, mas possivelmente de questão retórica, podendo ser pré-verbal ou omitido (21d).

- (21) c. Sabe-se lá de onde ele veio.
d. Por acaso, a Maria (lá) sabe (lá) de onde ele veio?

Essas restrições presentes nas ocorrências de ‘lá’ marcador de negação, principalmente a restrição lexical, levam-nos a contrapor nossa análise ao trabalho de Martins (2010).

2.6 Uma discussão da proposta de Martins (2010)

Martins (2010) apresenta os dados abaixo do PE nos quais construções com o item ‘lá’ expressariam negação. Notemos que, na análise da autora, não se observam restrições do ponto de vista do léxico ou de pessoa. Assim sendo, ‘lá’ seria um marcador de negação em sentenças tanto com primeira (22, 23aB, 23b) quanto com terceira pessoa com sujeito determinado (23c). Além disso, ‘lá’ marcador de negação não ocorreria apenas com verbos como ‘saber’ (22a) e ‘importar’, mas também ‘estar’ (23aB), ‘ter’ (23b), ‘perder’ (23c), etc.

- (22) a. “_Quem foi? _Eu sei **lá**” (MARTINS, 2010, p. 12).
 (23) a. A: “Tu estás um pouco preocupado, não estás?” (MARTINS, 2010, p. 2).
 B: “Eu estou **lá** um pouco preocupado. Estou morto de preocupação” (MARTINS, 2010, p. 2).
 b. “Tive **lá** uma sorte do diabo” (MARTINS, 2010, p. 5).
 c. “O meu irmão perdia **lá** uma oportunidade destas” (MARTINS, 2010, p. 23).

Segundo Martins (2009), ‘lá’ funciona como um marcador de negação metalinguística nestas sentenças. De acordo com Horn (1985), há diversos tipos de negação metalinguística que consiste basicamente em um “dispositivo para fazer objeção a uma fala prévia em qualquer base – incluindo sua implicatura convencional ou conversacional, sua morfologia, seu estilo ou registro, sua realização fonética”¹² (HORN, 1985, p. 121).

O exemplo (24b), contraparte de (24a), deixa a implicatura convencional veiculada por *manage* (24c) intocada. Diferentemente, a negação em (25) cancela essa implicatura, sendo um exemplo de negação metalinguística. Neste caso, portanto, a negação metalinguística nega a palavra *manage* e, conseqüentemente, o pressuposto veiculado por este verbo.

- (24) a. “John managed to solve the problem” (HORN, 1985, p. 129).
 ‘John conseguiu resolver o problema’.
 b. “John didn’t manage to solve the problem” (HORN, 1985, p. 129).
 ‘John não conseguiu resolver o problema’.
 c. “It was difficult for John to solve the problem” (HORN, 1985, p. 129).
 ‘Foi difícil para John resolver o problema’.
- (25) “John didn’t MANAGE to solve the problem ...
 ‘John não CONSEGUIU resolver o problema ...
 it was quite easy for him to solve’.
 foi bem fácil para ele resolver’.
 he was given the answer” (HORN, 1985, p. 130).

¹² “There are many different types of metalinguistic negation which is basically “a device for objecting to a previous utterance on any grounds whatever – including its conventional or conversational implicata, its morphology, its style or register, or its phonetic realization” (HORN, 1985, p. 121).

a resposta lhe foi dada’.

Há ainda outros tipos de negação metalinguística, que têm escopo sobre uma pronúncia ou um registro de fala, como nos exemplos em (26).

- (26) a. “Now, Cindy, dear, Grandma would like you to speak a bit more like a lady: Phydeaux didn't ‘shit the rug’, he {defecated / pooped / had a BM} on the carpet” (HORN, 1985, p. 133)
 ‘Agora, Cindy querida, a vovó queria que você falasse um pouco mais como moça educada: Phydeaux não ‘cagou’, ele {defecou, fez as necessidades} no carpete’.
- b. “Grandma isn't ‘feeling lousy’, Johnny, she's indisposed” (HORN, 1985, p. 133)
 ‘A vovó não está ‘arregaçada’, Johnny, ela está indisposta’.

Por isso, a negação metalinguística, também conhecida como contraditória ou marcada, não pode ser analisada em termos de verdade. Segundo Horn (1985, p. 144), ela nega não a verdade de uma proposição, mas a “plausibilidade”/“assertividade” (*assertability*) de uma fala, isto é, a possibilidade de assegurar, certificar ou garantir uma fala da forma como foi proferida.

Em (27), ‘lá’ seria um marcador de negação metalinguística na visão de Martins (2010), pois tem, sob seu escopo, o “item escalar” (HORN, 1985, p. 139) ‘um pouco’, considerado inapropriado pelo falante.

- (27) A: Tu estás um pouco preocupado, não estás?
 B: Eu estou **lá** um pouco preocupado. Estou morto de preocupação (MARTINS, 2010, p. 2).

Por isso, a sentença (27B), que funciona como réplica a uma pergunta, é seguida por uma retificação. Sendo assim, ao contrário do que ocorreria com a negação descritiva, o conteúdo proposicional segundo o qual alguém estava preocupado é inalterado. Essa seria, portanto, uma justificativa para a descrição de ‘lá’ como marcador de negação metalinguística.

Contudo, sentenças como (27B), se pronunciadas no PB, recebem entonação interrogativa (27B’), isto é, precisam da entonação interrogativa para receber algum tipo de interpretação negativa.

- (27) B: Eu estou **lá** um pouco preocupado. Estou morto de preocupação (MARTINS, 2009, p. 3).
 B’: Eu (lá) estou (lá) um pouco preocupado? Estou morto de preocupação.

Isso indica que ‘lá’ (27B’) não pode ser analisado no PB como um marcador de negação, mas sim um marcador de questão retórica. A interpretação negativa se dá por meio da força ilocucionária de uma questão retórica, capaz de inverter a polaridade afirmativa da sentença em negativa (HAN, 1998). Por isso, no PB, ‘lá’ pode ser omitido e a interpretação negativa da sentença ainda assim se mantém com a pronúncia de interrogativa. Além disso, outra diferença é que ‘lá’ no PB, em sentenças como (27B’), pode aparecer também anteposto ao verbo. De acordo com Martins (2010, p. 7, tradução nossa), “os marcadores de negação metalinguística *lá/cá* [...] ocorrem invariavelmente em posição pós-verbal”¹³, como em (27B).

¹³ “The metalinguistic negation markers *lá/cá* [...] invariably occur in post-verbal position” (MARTINS, 2010, p. 7).

Além da questão da entonação interrogativa na leitura das sentenças (23) no PB, um outro problema se evidencia ao se caracterizar ‘lá’ em (22) como um marcador de negação metalinguística: a sentença “sei lá” não parece se tratar de negação metalinguística propriamente, de acordo com o conceito definido por Horn (1985, p. 121). Em outras palavras, com a resposta “sei lá”, em (22), não se está fazendo objeção a uma fala prévia, como ocorre em (25) ou em (26). Em (22), não se nega uma implicatura, um registro, um estilo, uma pronúncia fonética, uma palavra, nada. O falante pode estar simplesmente informando ao ouvinte que não sabe quem foi. Não fica claro, portanto, por que ‘lá’ poderia ser considerado um marcador de negação metalinguística neste caso¹⁴. Sendo assim, parece-nos mais razoável tratar ‘lá’ como um elemento que expressa negação em dados como (22) e não necessariamente negação metalinguística.

Em suma, de todas as estruturas apontadas por Martins (2010) em que ‘lá’ seria analisado como marcador de negação, apenas uma delas (22) mereceria esta descrição. Nos outros casos, ‘lá’ seria, na nossa opinião, um marcador de questão retórica (27B), não sendo apropriada, portanto, a análise de lá como marcador de negação.

2.7 A posição de ‘lá’ marcador de negação segundo Martins (2010)

De acordo com Martins (2010),

locativos não-argumentais são inseridos por *merge* diretamente em Spec,TP a fim de dar visibilidade ao falante em em *UT-T* com o resultado interpretativo de ênfase. Esse valor enfático dos dêitico-locativos *cá/lá* (que se correlaciona com o esvaziamento semântico do significado locativo) é atestado no português europeu do século XVI em declarativas e em imperativas. O uso enfático de *lá/cá* também é encontrado em questões retóricas que oferecem uma ligação natural sintática e pragmática com a negação metalinguística. O movimento de *lá/cá* de Spec,TP para posições funcionais mais altas na periferia esquerda da sentença deriva questões retóricas e negação metalinguística em declarativas (MARTINS, 2010, p. 2 - 3, tradução nossa)¹⁵.

Desta citação, pode-se retirar três dados principais: primeiro, o ‘lá’ marcador de negação teria sido derivado de seu uso como elemento de questão retórica, que, por sua vez, é derivado de ‘lá’ em seu uso enfático; segundo, ‘lá’ marcador de negação é inserido por *merge* diretamente na posição Spec,TP; terceiro, ‘lá’ marcador de negação se move para uma posição no domínio do CP. Não se informa exatamente que posição seria esta: “deixo indefinidas aqui quais são as

¹⁴ Pode ser que haja uma negação pressuposicional se pensarmos que se nega uma expectativa do interlocutor de que o falante saiba quem foi, mas isso não implicaria uma negação metalinguística, visto que nenhum elemento linguístico estaria sendo negado, mas apenas uma expectativa pragmática do ouvinte. Ainda assim, haveria de se considerar um conceito de negação pressuposicional mais amplo, como aquele definido por Pescarini (s.d.).

¹⁵ “non-argumental locatives can be directly merged in Spec,TP in order to give visibility to the speaker at UT-T with the interpretive result of emphasis. This emphatic value of the deictic locatives *cá/lá* (which correlates with bleaching of the locative meaning) is attested in European Portuguese from the sixteen century, in declarative and imperative clauses. The emphatic use of *lá/cá* is also found in rhetorical questions, which offer the natural pragmatic and syntactic link with metalinguistic negation. Movement of *lá/cá* from Spec,TP to higher functional positions in the left-periphery of the sentence derives rhetorical questions and metalinguistic negation declaratives”. (MARTINS, 2010, p. 2 - 3).

projeções funcionais do campo do CP para onde o verbo e *lá* [...] se movem”¹⁶ (MARTINS, 2010, p. 22, tradução nossa).

Em comparação à análise proposta pela autora, é importante destacar que, para ela, ‘lá’ passa de TP a CP, sendo um item da periferia alta quando marca negação. Na nossa análise, ‘lá’ marcador de negação pertence à periferia baixa. Outra diferença é que, enquanto a autora deixa aberta a questão para onde ‘lá’ se moveria dentro do CP, definimos uma posição provável que seria FocusP interno.

Em vista dessa comparação, acreditamos que nossa análise é mais explícita no sentido de definir as restrições no uso de ‘lá’ marcador de negação (lexical e pessoal), reconhecer suas diferenças em relação ao marcador de questão retórica (entonação, posição e inversão de polaridade), apontar as propriedades compartilhadas entre ‘lá’ e a negação final no PB e auferir uma categoria funcional onde ‘lá’ poderia estar (Spec,FocusP interno).

3 ‘Lá’ em Spec,TopP interno

Nesta seção, analisamos ‘lá’ em estruturas como aquela em (2). Propomos que ‘lá’ ocupa a posição de especificador em uma categoria de tópico interna ao IP.

(2) “Que ela seja paqueta ainda vai lá. Agora, sair com o Romário ...” (MARTELOTTA; RÉGO, 1996, p. 246).

A consideração da periferia interna nesse caso se deve ao fato de que ‘lá’ em ‘vai lá’ parece atuar no mesmo domínio de ‘bem’ que é um advérbio pré-VP, isto é, localizado no entorno do VP. Com efeito, no italiano, *va bene* permite o estabelecimento de um paralelo com ‘vai lá’ no PB.

Assim sendo, nesta seção, descrevemos as propriedades de ‘vai lá’ em (2) e apresentamos nossa hipótese de análise, além de fazermos uma breve comparação entre ‘vai lá’ e *va bene* do italiano.

Atentemo-nos agora para (2a, b).

(2) a. “Que ela seja paqueta ainda vai lá. Agora, sair com o Romário ...” (MARTELOTTA; RÉGO, 1996, p. 246).

b. Ser paqueta ainda vai lá. Agora, sair com o Romário ...

Em (2a), a expressão ‘vai lá’ tem como sujeito uma oração subordinada no subjuntivo com complementizador ‘que’. Em (2b), ‘vai lá’ tem como sujeito uma oração subordinada reduzida com infinitivo.

Além disso, ‘vai lá’ não significa necessariamente a ação ou o movimento de ‘ir’ a algum lugar. Segundo Martelotta & Rego (1996, p. 247), “a expressão ‘vai lá’ dá uma idéia de que um determinado fato chega a um ponto que se aceita como passável (vai lá)”. Trata-se, em outros termos, de um valor concessivo.

Assim sendo, (2a) pode receber uma leitura como aquela dada em (2c).

¹⁶ “I leave undecided here which are the particular functional projections of the CP field where the verb and *lá* [...] independently move” (MARTINS, 2010, p. 22).

- (2) c. Que ela seja paquita ainda passa bem. Agora, sair com o Romário ...

Vale notar que, no italiano, a expressão *va bene* pode ser usada com o mesmo valor concessivo de ‘vai lá’. Vejamos, por exemplo, a relação entre (2a) e (2d).

- (2) a. “Que ela seja paquita ainda vai lá. Agora, sair com o Romário ...” (MARTELOTTA; RÉGO, 1996, p. 246).
 d. “Che non lavori va bene, ma che nemmeno studi non è accettabile”¹⁷.
 ‘Que não trabalhe vai lá, mas que nem mesmo estude não é aceitável’.

Em (2a), a idéia de concessão é veiculada a partir do verbo ‘ir’ mais locativo ‘lá’. Diferentemente, essa mesma idéia é veiculada em (2d) pelo verbo *ire* mais advérbio de modo *bene*.

Portanto, pela posição pós-verbal de ‘lá’ e pela sua relação com advérbios de modo como ‘bem’, é possível sugerir que ‘lá’, em (2a, b), seja analisado como um item pertencente ao domínio esquerdo do VP.

De acordo com Cinque (1999, p. 13), advérbios baixos ocupam a posição pré-VP. Vejamos, por exemplo, os dados em (28a, b).

- (28) a. Sei bem o quanto você quis essa oportunidade.
 b. Bem sei o quanto você quis essa oportunidade.

As diferentes ordenações de ‘bem’, sendo pós-verbal, em (28a), e pré-verbal, em (28b), é justificada porque, em (28a) e não em (28b), o verbo teria alçado do domínio do VP ao domínio do IP, enquanto ‘bem’ continuaria na mesma posição pré-VP apesar de aparecer em ordenações diferentes nos dados em (28).

Nossa hipótese consiste em propor que, assim como os advérbios baixos, ‘lá’ ocuparia uma posição no domínio pré-VP. Contudo, diferentemente de ‘bem’, em (2c) e em (28), ‘lá’ não carrega valor semântico de modo/maneira e não funciona de modo autônomo. Por exemplo, enquanto ‘bem’ é capaz de responder à pergunta (29a), ‘lá’ não é.

- (29) a. E então, como vai a idéia de ser paquita?
 b. _ Bem.
 c. _ *Lá.

Por isso, ‘lá’ não pode ser analisado simplesmente como um AdvP baixo. Sua função está, de alguma forma, ligada à periferia interna.

Notemos que as estruturas em (2a, b) permitem inversão da posição do sujeito da sentença, como em (2e).

- (2) e. (Ainda) vai lá ser paquita. Agora, sair com o Romário...

Segundo Belletti (2003, p. 21), em estruturas com inversão do sujeito, o sujeito invertido é, de modo geral, analisado como foco interno. Esse parece ser o caso da oração subjetiva em

¹⁷ Agradeço à Maria Teresa Porto por este dado.

(2f). Em (2f), teríamos um foco contrastivo visto que “ser paqueta” e “ser Maria Chuteira” estão sendo contrastados.

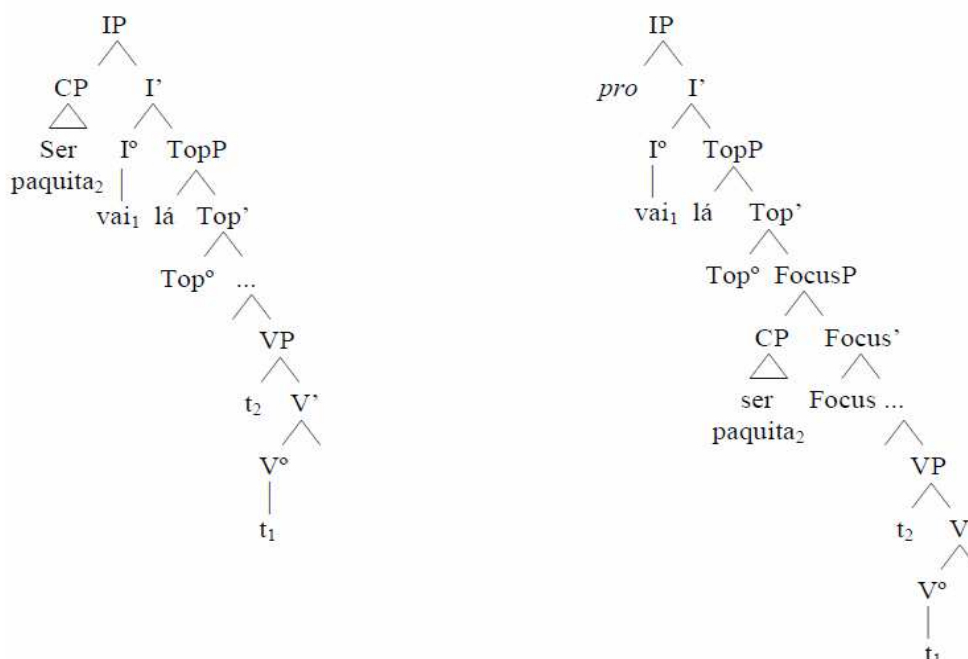
(2) f. (Ainda) vai lá ser paqueta, mas não “Maria Chuteira”.

Assim sendo, se o sujeito vem a ocupar a posição Spec,FocusP, na periferia interna, a posição que sobra para ‘lá’ seria Spec,TopP. Como vimos no teste de pergunta e resposta em (3), ‘lá’ tem conteúdo pouco informativo, isto é, não traz informação nova. Por isso, não responde à pergunta (28a). Ao contrário, ‘lá’ parece possuir conteúdo dado, pois, sendo um dêitico de 3ª pessoa, aponta para um certo domínio referencial que é compartilhado pelos interlocutores. Não que ‘lá’ indique necessariamente uma localização espacial, mas pelo menos uma localização discursiva. Dessa forma, ser paqueta “vai lá” (passa) nos critérios de moralidade concebidos pelo falante. Esses critérios seriam, portanto, o domínio discursivo onde ‘lá’ se ancora.

Em suma, embora ainda não se possa definir, com precisão, qual seria a posição de ‘lá’ em (2a, b), é possível pelo menos justificar a sua pertinência à periferia interna. Assim, são excluídas as análises de ‘lá’ como advérbio pré-VP ou como Spec,FocusP e sugerida sua análise como Spec,TopP, conforme derivação de (2b) e (2f) abaixo.

Figura 5: ‘Lá’ em Spec,TopP interno

(2) b. Ser paqueta (ainda¹⁸) vai lá. Agora, ... (2) f. (Ainda) vai lá ser paqueta, mas não ...



¹⁸ ‘Ainda’ é um advérbio aspectual (cf. *still*, Cinque (1999, p. 95)). Por isso, estaria situado no domínio do IP. Para evitar complexidade nas derivações da figura (5), não representamos a posição do AdvP ‘ainda’ que, possivelmente, estaria abaixo de TP e acima de TopP interno, da seguinte maneira:

- (i) Ser paqueta ainda vai lá: [_{TP} ser paqueta₂ [_{AspP} ainda [_{Asp°} vai₁ [_{TopP} lá [_{VP} t₂ [_{V°} t₁]]]]]].
 (ii) Ainda vai lá ser paqueta: [_{TP} pro [_{AspP} ainda [_{Asp°} vai₁ [_{TopP} lá [_{FocusP} ser paqueta₂ [_{VP} t₂ [_{V°} t₁]]]]]]]].

Conclusão

Este artigo tratou de estruturas com ‘lá’ que expressam negação e concessão. Argumentamos a favor da hipótese segundo a qual, no primeiro caso, ‘lá’ seria inserido por *merge* em Spec,FocusP, enquanto que, no segundo caso, ‘lá’ estaria em Spec,TopP interno.

De modo geral, a consideração da análise de ‘lá’ na periferia interna se justifica porque, nos dados apresentados, ‘lá’ é rigidamente pós-verbal e, portanto, deveria ocupar uma posição abaixo de I° para onde o verbo se move.

A posição de Foco interno parece elegível para o ‘lá’ marcador de negação, por ser realizado com enfoque entonacional. Além disso, ‘lá’ se distribui de modo muito semelhante ao ‘não₃’ final, por ser independente do ‘não₁’ pré-verbal, por rejeitar expressões de polaridade negativa, por determinar a polaridade negativa da sentença e por produzir efeitos de negação pressuposicional. Porém, enquanto ‘não₃’ pode aparecer em posição pós-complemento, ‘lá’ deve ser adjacente ao verbo. Isso nos levou a propor que ‘lá’ marcador de negação seria a contraparte de ‘não₃’. Enquanto este estaria na posição de Foco da periferia alta, aquele estaria na posição de Foco da periferia baixa.

Por sua vez, a posição de Tópico interno parece elegível para o ‘lá’ na expressão de concessão porque este ‘lá’ veicula informação dada. Em “ser paqueta vai lá”, embora ‘lá’ não aponte necessariamente para uma localização espacial, ele aponta para um domínio discursivo de expectativas ou conceitos morais compartilhados pelos interlocutores. Além disso, ao contrário de advérbios de modo, que podem aparecer isolados em respostas, ‘lá’ em estruturas concessivas não responde a perguntas isoladamente, o que é uma característica também de tópico. No mais, ‘lá’ não poderia ocupar a posição de foco interno, visto que este tipo de sentença admite inversão da oração subjetiva com foco contrastivo (“Vai lá ser paqueta, mas não Maria Chuteira”). Neste caso, a posição de foco seria destinada à subordinada subjetiva.

Em suma, consideramos que realizações de ‘lá’, em estruturas que expressam negação e concessão, poderiam ser analisadas na posição de especificador de categorias funcionais na periferia interna do IP.

Referências bibliográficas

BELLETTI, Adriana. Aspects of the low IP area. In: RIZZI, Luigi. *The structure of CP and IP: The cartography of syntactic structures*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2004. v. 2, p. 16 - 51.

CAVALCANTE, Rerisson. *A negação pós-verbal no português brasileiro: análise descritiva e teórica de dialetos rurais de afro-descendentes*. 2007. 161 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-Linguistic Perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.

CYRINO, Sônia; BIBERAUER, Theresa. Appearances are deceptive: Jespersen’s cycle from the perspective of the Romania Nova and Romance-based Creoles. In: GOING ROMANCE, 23. Nice, 2009. 19 fls. (handout).

HAN, Chung-Hye. Deriving the interpretation of rhetorical questions. In: WEST COAST CONFERENCE ON FORMAL LINGUISTICS, 16, 1998. *Proceedings...* Stanford: Center for the Study of Language and Information, 1998, p. 237-253.

HORN, Laurence. Metalinguistic negation and pragmatic ambiguity. *Language*, 61, p. 121-174, 1985.

MARTELOTTA, Mário; RÊGO, Lana. Gramaticalização de *lá*. In: MARTELOTTA, M.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 237-250.

MARTINS, Ana Maria. Deictic locatives, emphasis and metalinguistic negation. In: GALVES, Charlotte et al. (Eds). *Diachronic Syntax: Parameter Theory and Dynamics of Change*. Oxford University Press, 2010. (No prelo).

PEREIRA, Bruna. *A sintaxe cartográfica de 'lá' no português brasileiro: um estudo da periferia esquerda*. 2011. 256 f. Tese (Doutorado em Linguística). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

PESCARINI, Diego. 'Presuppositional' negation, modality, and the {addressee}. *Padua Working Papers in Linguistics*, n.3. p. 22 - 28. Disponível em: <http://www.maldura.unipd.it/ddlcs/working/PWPL3_pescarini.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2011.

POLETTI, Cecilia. On negation splitting and doubling. In: NORMS WORKSHOP ON NEGATION. Oslo, 2008. 16 p. (*handout*).

POLLOCK, Jean-Yves. Verb movement, universal grammar and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, Massachusetts, n. 20, p. 365 - 424, 1989.

RAMOS, Jânia. A alternância entre “não” e “num” no dialeto mineiro: um caso de mudança lingüística. In: COHEN, Maria Antonieta; RAMOS, Jânia (Orgs). *Dialeto mineiro e outras falas: estudos de variação e mudança lingüística*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002. p. 155 - 167.

RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, Liliane (Ed.). *Elements of grammar: handbook of generative syntax*. Dordrecht, Boston, London: Kluwer Academic Publishers, 1997, p. 281 - 337.

VITRAL, Lorenzo. A negação: teoria da checagem e mudança lingüística. *DELTA*, v. 15, n. 1, p. 57 - 84, 1999.